

## FUAD ATALA

**Entrevistadores:** Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

**Data da entrevista:** 20/08/2008

### **Fuad, como foi o episódio da saída, em 1961, do Luiz Alberto Bahia do *Correio da Manhã*? O que aconteceu?**

Paulo [Bittencourt] nesse período já estava na Europa, embora ele desse todo apoio ao Bahia de assumir o comando do jornal como redator-chefe. Havia um conflito interno entre o Bahia e Niomar [Moniz Sodré] - no sentido de apoio à política que Jânio então estava iniciando, de reaproximação de Cuba. Houve aqui a condecoração do Che Guevara, em Brasília, pelo Jânio, logo que ele assumiu o governo. E a coisa rolou em cima disso. Eu sei que o Paulo Bittencourt - até com um certo medo - dava apoio ao Bahia. Houve um momento de ruptura em que o Paulo retirou esse apoio. Não sei como foi, qual foi a questão conduzida pela Niomar Moniz Sodré, que era a mulher dele, de segundas núpcias (ele já tinha separado da Sylvia Bittencourt). Na ausência do Paulo, embora não tivesse gerência na redação, ela dava os palpites pelos bastidores. Tinha lá um grupo dela, pessoas fiéis a ela. Eu sei que num dos impedimentos aí, o Paulo Bittencourt acabou retirando o apoio ao Bahia e o demitiu, ao que se sabe, através de um telegrama que ele mandou de Londres para o Bahia. Então o Bahia saiu, mas logo foi pra *Folha [de S. Paulo]*, depois ele trabalhou n' *O Globo* também, e no *JB*. O episódio foi mais ou menos em torno desse incidente, provocado por esse desentendimento. Não que o desentendimento o tirou de lá, mas foi um dos fatores que motivaram a saída dele, porque aí houve um reviravolta na posição que o Paulo Bittencourt havia assumido com relação ao Jânio Quadros. Foi mais ou menos assim que aconteceu.

### **Isso marca uma maior atuação da Niomar no jornal?**

Não chega a marcar. Na parte editorial não. Ela usava o jornal como, digamos assim, gazua, para a grande obra que realmente ela realizou, que foi o Museu de Arte Moderna. Então ela, através do *Correio da Manhã*, com o prestígio político que o jornal tinha, conseguia tudo. Inclusive o famoso incidente dela com o Dom Hélder

Câmara, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional, que seria realizado no Aterro do Flamengo, recém concluído, no mesmo lugar onde já havia sido escolhido a área onde seria erguido o Museu de Arte Moderna. Não significaria maiores conseqüências, porque, uma vez terminado o Congresso, o terreno permaneceria com o MAM [Museu de Arte Moderna] do mesmo jeito. Mas não sei por que ela levou ao pé da letra a briga, conseguiu demover o local do Congresso para fora da área onde seria erguido o Museu. Ela ganhou essa batalha através desse expediente que ela usava. Agora, editorialmente ela não chegava a ter, salvo coisas que para exaltar a arte ou engrandecer a obra do Museu de Arte Moderna. Aí sim, ela podia sugerir, pedir, que aí não tinha maior problema não. Mas ela só vem a ter realmente uma postura de comando depois da ditadura, ou seja, um pouco antes, após a morte do Paulo Bittencourt, marido dela, que foi em 1963. Ela ficou um tempo enorme com ele lá na Europa, ele teve um problema de câncer, se não me engano, ficou em tratamento lá até que morreu em Estocolmo. Eu tive acesso – ainda vou voltar a ter – aos arquivos dela que foram salvos do incêndio do apartamento que ela tinha na Avenida Rui Barbosa. Enorme, era uma verdadeira galeria de arte, tinha um salão de uns 600, 400 metros quadrados, coisa assim, que era tudo coberto, paredes revestidas de quadros de artistas famosos, tinha Picasso, Portinari, Di Cavalcanti, artistas internacionais de todas as escolas. Aquilo tudo foi perdido no incêndio que houve lá. O neto dela está com esses arquivos. Eu tive acesso há pouco tempo. Ela, então, acompanha todo o tratamento do Paulo Bittencourt, a doença dele, e relata o tratamento todo, como é que foi, as viagens, os médicos, o que diagnosticavam, os remédios que ele tomava... Ela era uma pessoa bem minuciosa, muito bem organizada. Esse material a que eu me referi que foi salvo, é apenas uma parte, porque acho que a maior parte se perdeu no incêndio. Mas só essa parte que está salva é de um valor fantástico, em termos de documentação daquele período. Tem documento ali: coisas do Museu, coisa do jornal, coisa da ditadura que ela relata, tudo. Ela era muito minuciosa, muito bem organizada. Então, nesse período sim, ela comanda o jornal.

### **Como você descreve a atuação do jornal antes do golpe?**

Antes do golpe foi o seguinte: quando começou o movimento, o Jânio renunciou e houve aquele movimento contra a posse do Jango, o *Correio da Manhã* foi a favor pela legalidade e pela posse do Jango a qualquer custo, porque ele foi eleito junto com Jânio. O Jânio renunciou, então, legalmente, democraticamente, o cargo era dele, porque a Constituição rezava: era do João Goulart. Então, defendia a posse dele. Mais ou menos no meio do governo dele, quando começou com aquelas reformas meio polêmicas, do campo, da reforma agrária, surgiram aquelas ligas

camponesas do Julião, lá do Nordeste, a classe média e a classe militar começaram a ficar apavoradas com aquele avanço da esquerda do Brasil. E o *Correio da Manhã*, então, começou a ter uma posição de cautela. Até que chegou no ponto culminante, que foi aquele célebre comício da Central do Brasil, em 13 de março (dia do meu aniversário) de 1964. E depois que o Jânio incendiou aquela platéia toda, já denunciando as forças que queriam impedir as reformas que ele queria fazer no ensino, na agricultura, na economia, ele então denunciou, mais uma vez, naquele comício gigantesco, a pressão que ele já estava sentindo contra as reformas que queria fazer. Logo em seguida, acho que houve aquela famosa reunião dos sargentos da Marinha, no Automóvel Clube, na Cinelândia, com insubordinação – digamos assim: um levante da classe marinha contra a Marinha. A coisa começou a ficar feia; o *Correio da Manhã* começou a subir o grau de críticas com relação ao governo João Goulart, pregava a saída dele. Até que ele saiu, veio 64 e se instalou a ditadura. O *Correio da Manhã* queria uma saída legal, dentro da Constituição. Imaginava-se, esperava-se que ele [Jango] se afastasse, renunciasse, enfim - a renúncia era o caminho mais viável para que o Jango se afastasse do governo e cessasse aquele período de agitação que estava tomando conta do país de maneira muito grande, de modo a colocar em pânico as classes conservadoras, os militares, aquela coisa toda. Mas só que não aconteceu isso. Nos primeiros dias, ficou aquele vácuo do poder, aquela Junta Militar que se instalou em Brasília. Logo depois, eles começaram a botar as mangas de fora. O *Correio da Manhã* então, a partir daí, percebeu que havia sido dado um grande golpe na democracia do país. Aí entendeu que o país estava realmente ingressando na ditadura, porque começaram a aparecer as restrições à imprensa, a censura... E a coisa foi apertando, apertando e o *Correio da Manhã* foi, cada vez mais, assumindo atitudes de enfrentamento. O *Correio da Manhã* enfrentou. Eu compararia, assim, um enfrentamento de um David contra o Golias, porque não havia condição do *Correio da Manhã*, como um órgão de imprensa, poder enfrentar uma força tão descomunal, tão desproporcional em relação ao que ele era, como aquela ditadura que estava se instalando no país. Então, ele decidiu enfrentar isso. À medida que a censura ia cerceando a liberdade do jornal, da imprensa de um modo geral, mais ele subia o grau do enfrentamento. Desafiava mesmo. Curiosamente, na área de imprensa, até 68, quando houve o AI-5, havia uma relativa tolerância da ditadura. Mesmo com censura nos jornais, havia uma tolerância para o que os jornais escreviam contra o regime. A censura da ditadura nesse momento era mais em cima da área cultural: várias peças foram censuradas. “Dois perdidos numa noite suja”, com a Tônia Carrero e Plínio Marcos; outra peça dele, se não me engano; a peça do Guilherme Figueiredo também; censurar filme e televisão. Se não me

engano, é dessa época aquela novela da TV Globo que não pôde ser exibida na ocasião, "Roque Santeiro". Era mais na área cultural, porque havia, na visão dos militares, essa percepção de que a parte cultural era mais séria, que podia realmente minar o povo. O jornal não: nem todo mundo lia jornal. Agora, televisão, teatro, livro, aí já era diferente. Então eles fizeram uma pressão maior em cima disso, deixando relativamente mais folgada a área de imprensa. Tanto que se você percorrer esse período do *Correio da Manhã*, ele publicou os editoriais mais contundentes, mais provocativos, de enfrentamento mesmo. E lembrando a sua origem, porque quando Edmundo [Bittencourt] fundou o jornal, teve logo um embate duro com o [ex-presidente] Campos Sales. Estava quase no meio do governo dele e houve, no dia que o jornal saiu, um grande levante aqui no Rio de Janeiro, uma revolta popular com relação ao aumento das tarifas dos bondes. O povo se revoltou, queimou bondes, destruiu coisas e a polícia reprimiu com violência, houve mortos... O *Correio da Manhã*, a partir daí, já começou a tomar as dores do povo, acusar o governo, a ponto de ter um comportamento panfletário, de insuflar o povo contra o governo. Então, nesse período, o *Correio da Manhã* lembrava um pouco isso, aquela coisa destemida, mas meio cega, meio às escuras, sem saber direito como ia acabar aquilo.

**Comente com mais detalhe como foram aqueles editoriais que entraram para a história. Como foram pensados e feitos aqueles editoriais?**

Até hoje há uma certa controvérsia na autoria daqueles editoriais. Eles poderiam até ser iniciados por um redator só, mas depois eles eram discutidos naquela reunião que havia todo fim da tarde, em que se discutia a linha. Era debatido: um dava um palpite, outro sugeria mais alguma coisa, "corta isso aqui, coloca mais outra coisa ali". Então, era uma coisa meio coletiva. Tudo indica que foi assim também no caso dos dois editoriais: o "Basta!" e o "Fora!", que são tidos como o pontapé definitivo da queda do Jango. Um foi publicado no dia 31 de março e o outro no dia primeiro.

**Você se lembra de qual foi a repercussão desses editoriais?**

Só podia ser grande. Havia como que um estupor dessa época. De repente, ia ler aqueles editoriais tão contundentes daquela maneira, praticamente expulsando o Jango do governo, mas, como eu lembre, em nenhum momento pregando a saída antidemocrática, antilegalista. Tinha que ser dentro de uma saída legalista, que seria a renúncia. Então, teve muita repercussão. No círculo de pessoas que eu freqüentava, era só o que se comentava, porque ali já estava mais ou menos

delineado o que estaria por vir. Aquilo foi tomado como um toque final da guerra que viria depois.

**Você falou que, a partir da ditadura, o *Correio da Manhã* entra nesse crescente enfrentamento “David contra Golias”. Quem é a cabeça do jornal nesse enfrentamento?**

Sempre a Niomar, mas ela era assessorada por pessoas tipo Edmundo Moniz, tio dela; Osvaldo Peralva, um homem de esquerda também; Otto Maria Carpeaux; Carlos Heitor Cony. Havia também pessoas de fora do círculo interno do *Correio da Manhã*: Santiago Dantas, que foi embaixador; o embaixador Maurício Nabuco, que era muito amigo deles, um homem influente... Então havia, evidentemente, uma distribuição, um compartilhamento de formação de opinião, mas, seguramente, ela era a cabeça, porque sempre foi uma mulher vigorosa. Estatura um pouco baixa e uma voz não muito vibrante, mas de uma personalidade tão forte que, às vezes, muitas pessoas tremiam diante dela. E ela era muito decidida e teimosa; botava alguma coisa na cabeça e não tinha jeito. E da questão de ceder, deixar o jornal se submeter, ela foi irreduzível, não aceitou de maneira nenhuma. Tem um famoso episódio da prisão dela em Recife, quando ela foi ser paraninfa da turma de - se não me engano - jornalismo ou direito. Ela já sabia que havia um cerco da ditadura em torno dela. Antes ou depois do ato de paraninfa que ela presidiu, ela pergunta para o reitor assim: “O senhor quer que eu leia o meu discurso antes ou depois da minha prisão?” (Uma coisa assim). Ela terminou o discurso e ficou presa. Depois, liberaram-na lá mesmo. O *Correio da Manhã* não publicou nada, não podia, havia censura mesmo. Esse discurso dela só foi publicado um tempo depois, inclusive numa placa separada. Era muito bonito o discurso. Outro momento grande foi quando ela arrenda o jornal. No último dia que o nome dela aparece - ela já não aparece mais no expediente - fez o editorial de despedida com o nome de Retirada. Aí ela conta tudo. Já havia um pouco mais de abertura: era em 1969, por aí... Aquela dureza do AI-5 durou até...

Alguns anos depois, quando ela arrenda o jornal para os Alencar, ela escreve esse editorial “A Retirada”. É muito comovente, porque ela conta tudo que passou, porque estava fazendo aquilo, que seria só temporário, que ela queria continuar na luta; depois de cinco anos o jornal voltaria pra ela... Não voltou. Ela não quis receber, porque eles quiseram entregar o jornal pouco antes do prazo, que era de cinco anos - de 69 para 74. Ela não recebeu, porque não concordou com uma série de irregularidades que ela verificou lá, inclusive, segundo ela, na parte de dívidas trabalhistas, de dívidas de compras de material, folhas de papel... Ela não quis receber. Eu sei que, a partir daí, o jornal realmente chegou ao final. É curioso notar

- já que nós entramos neste período, - as pessoas perguntam assim: "Por que só o *Correio da Manhã* sucumbiu à ditadura. Realmente é uma coisa que chama atenção, porque, de fato, os demais jornais conseguiram sobreviver. Eu verifico que houve o seguinte: os demais jornais fizeram o que a gente poderia chamar de... Eles dançaram conforme a música, uns até colaboraram com a ditadura, não só se submetendo como também divulgando feitos que eles teriam produzido, aquelas coisas todas, e até no sentido elogioso, de programas ou de coisas que eles pretendiam. O *Correio da Manhã* nunca fez isso, nesse período todo até 68 - ele foi arrendado no ano seguinte -, ele manteve sempre uma linha irreduzível de crítica, contundente, e, pra não dizer que ele foi radical, às vezes até de moderação, no sentido de reconhecer que certas coisas podiam ser encaminhadas corretamente e que alguma coisa podia até surtir efeito. Moderadamente, sugerindo que a repressão já estava na hora de começar a afrouxar com relação aos estudantes, coisa do gênero assim, que ele fazia de uma maneira ponderada. Em alguns momentos, ele assumia essa atitude. Então, é interessante comparar esse período com o período em que ele é arrendado, porque o grupo que veio era supostamente ligado ao sistema. Eles eram muito ligados ao marechal Juarez Távora, que era ministro dos Transportes e era pretendente a ser presidente da República de um daqueles rodízios dos generais. Mas parece que a coisa não vingou e então eles se debandaram todos no apoio ao Andreazza, porque o [Mário] Andreazza concedeu algumas verbas pra eles, mas a intenção deles era de cair nas graças do governo e voltar a ter aqueles anúncios que o *Correio da Manhã* perdeu. Aí eles passaram pro lado do governo e passam a fazer editoriais elogiativos, uma coisa que não tinha nada a ver com a história do *Correio da Manhã*; não podia de maneira nenhuma ser aquilo no *Correio da Manhã*. Desfigurou, cheios de encômios, elogios, apoios. Eu estou fazendo, talvez, um depoimento meio confuso, mas, voltando à questão do fechamento, paralelamente a essa posição irreduzível de enfrentamento que ela [Niomar Moniz Sodré] assumiu, é inegável que, por causa desse comportamento dela, o jornal sofreu perseguição. Nenhum outro jornal foi tão sacrificado, tão prejudicado, tão sufocado como o *Correio da Manhã*. O *Correio da Manhã* foi, pouco a pouco, sendo garroteado, no sentido de os militares: primeiro, interferirem nos anunciantes; depois, pressionarem as agências de publicidade de não anunciarem no jornal, os investidores, os empreiteiros, aquela coisa toda. Então o jornal ficou... Era comum naquela época comprar papel com o dinheiro da carteira de exportação, financiado pelo Banco do Brasil. Havia um processo de caução que o Banco do Brasil liquidava o débito para receber de outra forma qualquer, tirando, assim, o ônus do jornal. O pagamento era feito por outro mecanismo que não diretamente do jornal, embora com recurso do jornal. Isso aliviava bem os jornais. O *Correio da*

*Manhã* foi o único que eles não permitiram se beneficiar desse processo, então realmente havia uma perseguição. Aí eu pergunto: "Por que só o *Correio da Manhã* morreu?" É claro que esse fator de garroteamento econômico foi importante; foi impiedoso perseguir o jornal e, realmente, contribuiu enormemente para a queda final dele. Mas, tem também outro fator: a posição da Niomar, o comportamento dela, o temperamento, o enfrentamento. Acho que foi o grande fator que cada vez elevou mais o grau de endurecimento do regime com relação a ela. Virou uma questão de princípios para eles, porque eles passaram a querer que o jornal *Correio da Manhã* fosse extinto, morresse, acabasse. Queriam acabar com o *Correio da Manhã* mesmo, tal o grau de irritação, tal o grau de desconforto e dos problemas que o jornal causava para o regime, que estava se sentindo totalmente tolerado pelos demais meios de comunicação, alguns até apoiando, uns até se vangloriaram de terem apoiado a censura e terem recebido aplausos do arcebispo do Rio de Janeiro (naquela ocasião, Dom Jaime de Barros Câmara). Mas o *Correio da Manhã* jamais se rebaixou para esse tipo de coisa. Se tivesse havido uma flexibilidade um pouco mais relaxada da parte dela, eu tenho a impressão de que o *Correio da Manhã* teria sobrevivido, teria conseguido, porque, na época do Edmundo Bittencourt, ficou um ano e tanto fechado, no governo do Arthur Bernardes, impedido de circular, e sobreviveu.

**Pode-se argumentar, em favor dos jornais que tiveram atitudes mais "cautelosas" durante a ditadura, que isso era uma questão de sobrevivência da empresa. Será que é isso que não houve no *Correio da Manhã*, esse pensamento empresarial?**

Exatamente. Para completar o perfil da Niomar, tinha o seguinte: evidentemente, nem ela nem as pessoas que a cercavam - apesar da qualidade intelectual que eles tinham no sentido até de apoiá-la na linha editorial, aquela coisa toda - tinham experiência administrativa para dirigir um jornal do porte da história do *Correio da Manhã*. Isso também foi um fator importante, porque ela, seguramente, teria tomado outro rumo. Ela resolveu sacrificar a empresa em nome dos princípios do jornal como entidade. Ela tomou claramente essa decisão. Se não me engano, tem até uma passagem - preciso descobrir onde eu vi uma referência nesse sentido - em que ela admite isto: que ela preferia sacrificar o jornal a ceder aos militares. E foi o que ela fez. Aliás, o Élio Gaspari retratou bem isso numa passagem em que ele comenta esse problema do *Correio da Manhã*. Ele disse que a Niomar Moniz Sodré, com esse gesto, com essa atitude, adquiriu uma grandeza política, mas à custa de uma entidade que era o ícone da imprensa brasileira que jamais voltará à circulação, que acabou. Às custas desse patrimônio, ela adquiriu grandeza política

pelo gesto dela. Realmente é bonito você enfrentar uma ditadura, um regime forte, sofrendo conseqüências, sendo presa várias vezes, sofrendo humilhações, sofrendo cerco econômico, pressão... É muito bonito você enfrentar isso, politicamente falando, você acaba assumindo uma atitude heróica, mas tem esse outro lado também, que é como fazer o ente *Correio da Manhã* sobreviver. Eu creio que, nessa altura, sem perder a sua dignidade, mais importante do que não ceder, não entrar um pouco na linha, sem apoiar, era entender que, naquele momento, era impossível você enfrentar. Ela teria que ceder nesse sentido, sem perder a grandeza do jornal. Não precisava ficar se bandeando, podia continuar denunciando as coisas, as barbaridades, como fez, mas sem entrar nesse enfrentamento. O jornal, às vezes, era proibido de fazer alguma coisa. Ele publicava, mas, no dia seguinte, a censura intensificava... Houve uma época lá, parece que funcionavam na redação dez ou 12 censores ao mesmo tempo. Desde nota de aniversário até o necrológio era tudo fiscalizado por eles, as provas da oficina, as provas da revisão e o jornal impresso, a primeira prova eles também paravam a rotativa e olhavam para ver se estava de acordo com o que eles tinham liberado. Esse cerco mais forte, mais duro, o *Correio da Manhã* sofreu, os outros não sofreram isso não. É como eu falei: mais ou menos, eles entraram na dança - alguns até apoiaram -, mas conseguiram. Infelizmente, o caso do *Jornal do Brasil*, que conseguiu sobreviver, mas não resistiu aos tempos posteriores. Hoje a gente vê o esforço, a luta que ele faz para sobreviver. É uma pena que aquele esplendor que ele teve não esteja alinhado hoje junto com o *Correio da Manhã*. Hoje parece que praticamente só restam um ou dois jornais no Rio de Janeiro.

**E nesse tempo de enfrentamento do *Correio* com a ditadura militar, qual era a posição da redação? Quer dizer, a redação era totalmente identificada com a posição do jornal?**

Totalmente identificada, alguns até atuantes. O caso do [Arthur] Poerner que foi preso; o Marcito - Márcio Moreira Alves -, que já era deputado; Hermano Alves, que foi preso também e vários outros, que não me lembro agora. Vários deles atuaram na frente e chegaram a ser presos.

**Como foi o episódio da saída do Carlos Heitor Cony e do Antônio Callado do jornal?**

O Callado parece que sofreu uma grande repressão da direção do jornal, da cúpula administrativa, sobre um artigo que o Cony escreveu. Eles, então, mandaram demitir o Cony. O Callado, então, foi lá e falou assim: "Olha no boletim de demissão do Carlos Heitor Cony, por favor, vocês encabecem com o meu nome".



Ele queria ser demitido junto; acabaram saindo os dois. Mas isso eu não sei bem. Quem pode relatar melhor isso é Ana Arruda Callado, não sei se ela já deu depoimento aqui, não sei se ela já mencionou isso, ela talvez deva saber. Mas foi mais ou menos nessa linha, de uma punição que fizeram ao Cony que o Callado assumiu e se colocou de maneira que fosse demitido junto.

**E qual foi o reflexo do AI-5 no jornal?**

Eu já não estava mais no jornal, eu já estava n' *O Globo*, mas pelo que a gente sabe de eco, a gente acaba ficando sabendo, foi um golpe mortal, porque vieram censores e forças militares para controlar, censurar... O AI-5 em 68 foi realmente o golpe final que levou o *Correio da Manhã* à derrocada, porque aí começou o cerceamento mais forte e o enfrentamento da Niomar.

**Você disse que o arrendamento descaracterizou o jornal. E o público?**

Descaracterizou sim. Eles mudaram a linha editorial e o público começou a fugir. Já não tinha mais anúncio, leitores... Era o jornal que tinha maior número de assinantes, passou a perder os assinantes. O jornal ficou totalmente desfigurado, não só no conteúdo como no seu aspecto. Criaram vários outros cadernos, uma porção de invenções que não deram certo e a falta de leitores contribuiu bastante, porque, até um certo período, ainda havia um relativo suporte de leitores através das assinaturas, mas depois foi caindo pouco a pouco e parece que praticamente chegou a assinatura nenhuma no final.

**Do *Correio* você vai para *O Globo*, que aderiu à ditadura militar. Qual é a sua sensação quando você chega n' *O Globo*?**

Trabalhei n' *O Globo* em duas ocasiões, sempre nesse período da ditadura, de 1965 a 1967 e de 1969 a 1987. Então, a sensação que eu tive é que eu estava entrando num outro esquema, e, como profissional, eu não cheguei a ter esses pruridos de, por ser de direita que eu ia sacrificar a minha sobrevivência, entrar para uma causa que eu tinha certeza que, mais cedo ou mais tarde, iria acabar, por mais longa que fosse aquela noite da ditadura militar. Então, eu aceitei, é claro. Com um certo constrangimento interior, porque eu não esposava daquelas coisas, mas também preferi não me expor, não me mostrar. Não que eu quisesse esconder alguma coisa... Eu aceitei a coisa profissionalmente. Aquilo assim: "o espetáculo precisa continuar, morre o ator, vem outro, o espetáculo não pode parar". Eu encarei um pouco nessa linha, nesse espírito de profissional. Para o meu gosto, seria aquele clima perigoso que o *Correio da Manhã* tinha, essa guerra. Esse fragor contra um regime ditatorial é muito interessante, no sentido de que faz o enfrentamento.

Então, você tem que vibrar por atuar naquela linha, por estar lutando por uma causa que você acha que é justa. N'O *Globo*, eu vi que o clima era diferente, o ambiente era muito restrito nessa questão. Quase não se falava nessas coisas do que o governo fazia, não fazia, de quem era preso, não era. O *Correio da Manhã* publicava tudo: quem era preso, quem não era, os padres que queriam visitar os presos e que o Estado não deixava... Tudo o *Correio da Manhã* denunciava. Já os outros jornais não. O *Globo* tinha muita cautela nessas coisas. Com muita cautela, adotava uma linha de comedimento, embora às vezes fazendo editoriais maneirosos. [Sobre] alguma coisa muito ostensiva, no sentido de agredir a razão das coisas, fazia até uns editoriais comedidos, mas sempre com o cuidado de não enfrentar. Por isso a gente estranha. Eu estranhei. É claro que nos nossos momentos - dos repórteres, dos editores - fora do jornal, a gente comentava isso de uma maneira natural, mas também sem revolta, sem querer desfraldar bandeira pró ou contra. É mais ou menos nessa linha.

**Você trabalhou no jornal antes e depois do Evandro Carlos de Andrade. Vamos já falar sobre a reforma d'O *Globo*, mas como era antes o jornal *Globo*?**

A primeira vez que eu cheguei lá, eu tentei fazer umas mexidas, em 65 até 67... Porque o jornal era muito mal feito graficamente. Ele era bem noticioso; não tinha o Segundo Caderno; havia uma parte que agrupava todas aquelas coisas culturais, mas sem uma fisionomia; havia muitos artigos que eles traduziam do *British New Service*, o famoso BNS. Vinham aqueles artigos sem pé nem cabeça daquela linha inglesa, européia, de comentar um assunto, um problema. O *Globo* publicava muito aquilo, porque um dos irmãos Marinho, o doutor Ricardo, era muito ligado à Embaixada inglesa, aos ingleses, ele gostava muito da Inglaterra, da cultura inglesa, ele tinha muita relação, então era um jornal meio amorfo graficamente falando. Nesse primeiro período em que estive lá, de 65 a 67, tentei ensaiar alguma coisa, mas era um jornal muito conservador. Havia uma muralha, que era um secretário argentino - o nome dele era Vicente Villanuevas - secretário do jornal há anos, daquela maneira bem largada mesmo. Ele era corpulento, sentava numa poltrona bem confortável e ficava lá, fumando o cigarro dele a noite toda. Os editores, os repórteres, os redatores, entregavam o jornal pra ele e... Havia um arremedo de copidesque, que eram uns redatores que reviam e corrigiam à mão as matérias dos repórteres. O cara recebia de volta com os títulos mais ou menos endireitados pelos redatores e marcava lá: segunda página. E mandava descer. Ficava tudo separado: segunda página, terceira página, o material, o chumbo, o chumbo composto... Depois, ele descia à oficina e ia montar as páginas

aleatoriamente. Montava na mão. Os operários pegavam aqueles títulos, colocavam ali, depois cortavam não sei onde... Era assim, muito mal feito mesmo. Eu tentei dar uma pequena ordem nesse esquema, mas depois eu vi que estava meio difícil de prosseguir. Eu também não queria, já de uma certa maneira descontente com aquela linha, e também com esse tipo de comportamento, com essa forma de fazer jornal. Me enchi disso e acabei saindo. Em 69, eu voltei para *O Globo*. Não estava ainda desligado do *Correio da Manhã*, eu continuava trabalhando no arquivo, na parte da manhã e começo da tarde. Depois ia, de noite, para *O Globo*. Depois que eu sai d'*O Globo*, ainda permaneci lá no *Correio da Manhã*, já em litígio (estava com uma questão trabalhista na justiça). E eu trabalhei um periodozinho na [revista] *Seleções Reader`s Digest*, onde eu fazia revisão de textos que já vinham impressos. Em 69, eu volto para *O Globo*, aí já com um pouquinho mais de abertura, no sentido de reforma. Em 72, veio o Evandro Carlos de Andrade, então, de 69 a 72, a gente foi cozinhando aquele jornal ainda meio amorfo, uma coisinha ou outra mexia no título, tentava arrumar melhor, porque eles não queriam que mexesse no jornal de jeito nenhum. Eu não me sentia com forças suficientes, porque tinha aquela coisa meio dividida com outro secretário [o argentino Vicente]. Eu mandava, ele também mandava; aquela coisa que não ficou definida direito. Eu não me sentia com força política para impor algum esquema. Fiquei levando até que chegou o Evandro, em 72, e vem com uma nova postura, inclusive conseguiu dobrar o doutor Roberto Marinho, no sentido de mudar o jornal completamente, mantendo a característica tradicional, a linha dele, conservadora. Eu sei que o Evandro demitiu uma equipe bem antiga do jornal, a maior parte foi mandada embora, ele contratou outras pessoas novas, reformulou, criou editorias e me deslocou da secretaria para o setor novo que ele criou, que era a editoria de suplementos, a quem cabia fazer o *Jornal da Família*, o *Caderno de Turismo* e esse arremedo de *Segundo Caderno* que havia lá, que depois veio a ter esse nome. Então, a gente fazia esses três. Foi então que eu consegui convencer a criar o *Segundo Caderno* com esse nome. A partir daí, fiquei como editor do *Segundo Caderno* e me arranjaram um editor para *Turismo* e outro pra o *Jornal da Família*, mas eu fiquei controlando os três jornais. Aí conseguimos realmente melhorar um pouquinho o jornal. Arranjamos um diagramador, o jornal fez a primeira mudança gráfica no caderno todo e criou uma linha para o *Segundo Caderno*. Tínhamos bons diagramadores, então, fazia um *Segundo Caderno*, razoavelmente decente. Aí também se conquista o *Caderno B do Jornal do Brasil*. E foi assim. Eu fui até 1984, não até 87.

**Nesse processo, o jornal também deixa de ser vespertino...**

Sim, deixa de ser vespertino e passa a ser diário. Até então, ele não saía aos domingos, não saía no Natal, havia vários dias. Depois passou a sair todos os dias. Ele saía sábado, domingo a gente trabalhava para a edição de segunda, que era totalmente esportiva, a capa do jornal era esporte, nesse período.

**Com todas essas inovações, os cadernos, a edição de domingo, isso muda o lugar do jornal no mercado?**

Muda, porque o jornal passa a ser mais agressivo. Com o apoio da TV Globo, o jornal passa a fazer uma campanha, um marketing intensivo, naturalmente englobando todo o sistema Globo. Investindo firmemente nos classificados que ele acabou tomando do *Jornal do Brasil* e com um feito interessante na época, acho que foi o primeiro jornal a imprimir a cores no Rio de Janeiro, inclusive eu fui responsável, no Segundo Caderno. Eu me lembro que foi um anúncio de um lançamento na Barra da Tijuca - se não me engano - era Barramares ou coisa parecida. Os anúncios foram todos em cor. Eu me lembro que foi uma "áfrica" danada pra gente fazer essa edição, porque o pessoal da parte técnica, da parte industrial não tinha prática daquilo. Teve que vir um técnico da empresa que forneceu a máquina - acho que já era off-set - e explicar para os funcionários do jornal como é que... Eu sei que atrasou o jornal. Também teve que fazer a diagramação que era diferente de enquadramento, separar as cores, aquela coisa toda, eu sei que atrasou bastante o jornal. Teve um lance curioso: era uma sexta pra sábado, a Ana Maria Ramalho, assistente da coluna do Carlos Swan, (ela era muito querida) estava inaugurando, estava mudando para um apartamento lá na Barra e resolveu reunir o pessoal do Segundo Caderno no apartamento dela depois do trabalho. Eu prepararia uma galinha árabe, viviam falando que eu preparava essa galinha árabe, mas aí, eu falei: "vai adiantando, fala com sua empregada para preparar a galinha assim, assim, os pedaços, tempera normalmente, deixa o trigo em grão de molho...". Expliquei como é que fazia o negócio, mas eu não conseguia fechar a edição. Comecei a passar as instruções por telefone e toda hora ela me telefonava pra ver como era o andamento da coisa. Sei que três, quatro horas da madrugada, eu ainda estava no jornal, a tal galinha com trigo não saiu, o jantar dela acabou no Bob's da Barra da Tijuca e eu acabei não indo lá para fazer o jantar. Tudo isso por causa dessa edição em cores.

**Essa edição em cores já deve ser início dos anos 80... Como é que foi a escolha, a modernização do equipamento gráfico do jornal antes?**

Quando o Evandro entrou para o jornal, ele já veio com um plano de reforma. Inclusive começou já nas editorias, refazendo os quadros, trazendo gente de fora,

aposentando alguns que já eram bem antigos. E como todo o processo de reorganização de uma redação é sempre doloroso, porque vão colegas embora, logo em seguida, o jornal já começou a pensar nos equipamentos de informatização. Já tinha conseguido um empréstimo para adquirir as máquinas, os computadores. Nesse meio tempo, o Evandro me chamou para ir com ele aos Estados Unidos. Ia haver um congresso da Associação Americana de Imprensa e *O Globo*, como participante da Sociedade Americana de Imprensa da América, foi convidado. A gente participou do Seminário e nós aproveitamos pra fazer - já tinha sido agendado - uma visita a jornais como *New York Times*, um jornal de Boston (acho que era o *Christian Science Monitor*), fomos a Miami também. Visitamos principalmente o *New York Times*. Fiquei maravilhado com aquela redação imensa, com dezenas, centenas de computadores. Todo mundo lá, aquela redação impressionante. Aí nos levaram a todos os setores, mostrando como é que era lá, Evandro conheceu vários tipos de equipamento, eu também com ele. Visitamos uma indústria que produzia esse material e daí a gente trouxe um *know-how* que já estava chegando às máquinas, aos computadores, e começaram a ser instalados na redação nessa época. Foi aí que começou.

**Mas você já está falando em informatização... Mas antes, na década de 70, *O Globo* investe em novas máquinas, em novas tecnologias de impressão...**

É isso aí, simultaneamente à aquisição dessa tecnologia da informática, a gente também passou a renovar o Parque Gráfico. Ele troca uma máquina (parece que) alemã por off-set, uma máquina americana por off-set, e tirou a rotativa, que era no próprio prédio do jornal, construiu um prédio defrente, naquela própria rua Irineu Marinho e ali instalou esse equipamento novo. Mais pra frente, acho que nos anos noventa e pouco, foi lá para a [rodovia] Rio-Petrópolis, naquele parque [gráfico] fantástico que hoje imprime o jornal.

**Esse período em que você está n' *O Globo* pega não só a ditadura, mas a redemocratização também. Esse período é marcado por episódios jornalísticos muito importantes; o primeiro que eu lembraria foi a morte de um jornalista, o Herzog. De dentro da redação, você se lembra qual foi o impacto desse fato?**

Todo episódio dessa natureza é claro que choca a gente, ainda mais sendo colega e a gente lá na redação d' *O Globo* recebeu com... Assustado, sem poder, sem ter condição... Independente da linha do jornal, foi uma coisa que também chocou a direção do jornal. A gente até comentava, mas é claro que não se tomou uma atitude mais ostensiva, no sentido de denunciar. Ficou uma coisa que cobrava uma

explicação, mas, foi assim uma coisa de estupor mesmo, de susto, de não entender porque aquilo tinha acontecido e como deixaram aquilo acontecer, mais ou menos nessa linha assim.

**Fora *O Globo*, mas tendo uma visão geral da imprensa naquele momento, era possível apurar o que tinha acontecido?**

Olha, não era muito não, tanto que, só tempos depois, as coisas começaram, pouco a pouco, a ser esmiuçadas em seus detalhes, porque, até então, havia versão de que ele teria se enforcado. Só com o correr do tempo é que veio o porquê aquilo aconteceu e como aconteceu e quem teria cometido aquilo. Só depois é que veio. Eu me lembro que isso foi em 87... Não...

**A morte do Herzog foi em 75.**

É. Em 75. Eu já estava n'*O Globo*, o *Correio da Manhã* já não existia mais, e ainda não havia muita abertura. A abertura só veio mesmo em 85, o relaxamento, mas já no tempo do Geisel, ele já acenava para uma volta gradativa à democracia, tanto que ele mandou demitir, por causa desse incidente, o comandante do Exército lá de São Paulo, II Exército. Primeiro ele mandou uma ordem daqui, que ele mais ou menos quis enfrentá-lo, parece. Depois foi chamado ao Rio, onde o Geisel estava. Então, ele foi demitido pessoalmente pelo Geisel.

**Outro acontecimento muito importante, determinante no processo da abertura, da democratização, foi o atentado do Riocentro. Como é que foi a cobertura da imprensa naquele momento?**

Deram como atentado mesmo, e pouco a pouco, com devida cautela, foi se revelando quem tinham sido os autores. Aí então começou a haver um certo desnudamento dessa coisa, dessa força paralela que funcionava no subterrâneo do poder militar. Se não me engano, ainda era o Geisel o presidente?

**Não, já é o Figueiredo...**

Exatamente. Evidentemente isso não teria sido coisa que ele coordenasse e comandasse. Havia, meio na surdina, um confronto entre os que eram favoráveis à abertura - e o próprio Figueiredo começou também a acionar - e os que eram contra, que queriam cada vez mais o endurecimento do regime. Essa ala é que organizava esse tipo de coisa, como o atentado do Riocentro, que eles nunca poderiam imaginar que teria aquele resultado. Imagina se aquela bomba realmente explode naquele Riocentro? O pavilhão lotado de pessoas pra assistir o show de 1º de Maio. Desgraçadamente pra eles e sorte nossa - com toda a desgraça que isso

causou para o outro lado - o tiro saiu totalmente pela culatra. Então, pouco a pouco veio a nu, veio a público o que estava acontecendo.

**Fuad, você ainda está n'O Globo quando tem o movimento Diretas Já. Há uma crítica muito grande em relação à postura dos veículos das Organizações Globo naquele momento, que teriam sido, de certa forma, um pouco cautelosos ou reticentes na cobertura do fato. Qual é a sua lembrança efetivamente de como o Globo cobriu as Diretas?**

O *Globo* cobriu de uma maneira muito cautelosa, muito discreta. Inclusive, teve um episódio interessante: uma foto tomada no início da concentração da Candelária - ainda havia um claro muito grande entre o palco e a multidão que ia chegando. Então, no primeiro clichê, *O Globo* publica essa foto. Mas aí a coisa ficou tão ostensiva que, à noite, a coisa cresceu, ficou aquele mar de gente ali no palanque, com Ulisses, o Tancredo... Estava todo mundo ali. Aí, então, fizeram outra foto e fizeram um segundo clichê. Isso foi até meio glosado na ocasião, meio satirizado por alguns outros veículos. O pessoal de esquerda gozava muito isso. *O Globo* nunca enfrentou, nunca quis enfrentar, ele sempre teve um comportamento assim, como eu disse cauteloso, às vezes de discreto apoio, discreta tolerância, embora vez por outra, publicando editoriais comedidos, criticando, de uma maneira comedida, comportada, nunca de maneira ostensiva e agressiva.

**Por que você saiu do jornal em 1987?**

Pelo seguinte: houve uma segunda reforma, bem mais ampla, que eles encomendaram para uma empresa especializada em designer nos EUA. O estudo levou dois anos para ser executado, é mais ou menos essa configuração que tem até hoje. Em função disso, o Evandro instituiu uma série de rodízios - isso já em 84 - das editorias. Ele então me chamou, explicou que estava havendo uma reformulação das editorias do jornal e que então precisava que eu fosse deslocado do Segundo Caderno, da Editoria dos Suplementos do Segundo Caderno principalmente, para a Secretaria da Redação, porque ele precisava de um homem de confiança dele lá, para coordenar o jornal, tocar até fechamento, enfim, ser o fiscal de fechamento do jornal. Eu ponderei pra ele: "Não estou interessado nesse cargo, porque seria uma regressão, eu já fiz isso, eu já dei a minha cota de sacrifício, porque é um cargo sacrificante, de modo que não me interessa". E assinei meio chateado, mas por trás disso havia realmente um movimento de fritura discreta. Um mês antes, num espetáculo do Teatro Municipal, encontrei uma amiga, uma colega jornalista, e ela falou assim: "estou sabendo que vai haver mudanças lá n'O Globo, que você vai pra não sei onde..." "Não. Eu não sei de nada

não". E aquilo ficou, o boato corre, e efetivamente um mês depois aconteceu isso, essa mudança. Então já havia uma fritura. (Não do Evandro, o Evandro gostava muito de mim). Percebi que tinha chegado o meu momento e, antes de ser fritado totalmente, resolvi sair e disse a ele que diante disso então eu não queria ficar, queria sair do jornal numa boa e que a gente podia fazer um acerto de contas e ele não concordou. "Não. Absolutamente, não concordo. Eu preciso de você, você é o homem da minha confiança, você faz o seguinte: tira dez dias de descanso, de férias, de licença, fica em casa e depois você volta aqui falar comigo". Mas eu já estava decidido e voltei dez dias depois e falei: "Evandro, eu vou sair, eu não quero ficar, eu só peço que a gente encerre a coisa de maneira amistosa, harmoniosa, eu não quero briga com o jornal, eu gosto muito do jornal, eu devo minha carreira basicamente a ele; essa parte da minha carreira me projetou. Depois, é o seguinte, Evandro, eu conquistei um nome no Caderno de Turismo, eu sou muito bem visto no meio do Turismo, tenho uma coluna assinada, o pessoal me considera enormemente e me respeita pelo meu comportamento, pelo meu porte, pela minha postura perante o meio turístico que você sabe é muito poluído de publicações espúrias" (como realmente até hoje). E ele falou assim: "E se eu deixar você continuar assinando uma coluna de turismo?" "Evandro, não se trata bem disso, eu não quero ficar assinando uma coluna de turismo, é todo um tapete que você me puxa, uma estrada que eu percorri que agora você me interrompe, de modo que eu não quero, eu não quero trabalhar contrariado, não quero também entrar em choque com você". Ele disse: "Não, eu não concordo". Mandou eu tirar mais dez dias. Na terceira vez, eu voltei com a carta pronta, entreguei pra ele, aí ele aceitou e assim eu me separei do jornal.

**Durante esse tempo que você esteve n'O Globo, qual a sua visão do Roberto Marinho, da forma como ele lidava com o jornal?**

Eu trabalhei com ele bastante antes do Evandro. Ele era um homem muito ocupado, tinha visão do que é uma empresa jornalística, do que é um jornal, do que é uma televisão. Tanto que está aí esse império até hoje, apesar dos pesares, tudo construído por ele. Ele tinha essa visão, isso me encantava muito, porque ele sabia o que queria. E era até um bom jornalista, no sentido de fazer títulos, que muitas vezes eu fui lá discutir coisas com ele, de matérias, ele mesmo sugeria o título e era perfeito. Então ele tinha assim um pouco desse tino, embora não fosse propriamente jornalista de escrever editoriais, essas coisas. Acho que não chegaria a isso. Tenho uma lembrança muito boa do convívio que tive com ele. Tive algumas passagens curiosas na época - se não me engano - do Andreazza ou do Médici. No tempo do Médici, que teve aqueles projetos de impacto, negócio das agrovilas da



Amazônia, de repente, o Médici soltava esses projetos de impacto para desenvolver o país. E *O Globo*, especialmente por causa do outro irmão, Rogério Marinho, sempre foi muito ligado a meio ambiente, ecologia, essas coisas. E ele [Roberto] sabia lidar com essa área também. Eu fui, com ele, fundador daquela Fundação Brasileira para Conservação da Natureza, há alguns anos atrás. Ele era da diretoria, fomos sócios fundadores dessa sociedade. Eu tinha muita comunhão com ele nesse sentido. Uma vez, o doutor Roberto tinha ido a Brasília e quem ficava na ausência dele dirigindo a redação comigo era o doutor Rogério. Então, o Médici soltou esse impacto da Amazônia, proteção do meio ambiente e projeto de desenvolvimento econômico, com agrovilas, estradas pra cá, indústrias pra lá, tudo no projeto. Então eu fui discutir com o doutor Rogério a manchete do dia e vimos os vários aspectos do projeto. Concordamos que, pela linha d'*O Globo*, seria interessante a gente sair por aquele item do meio ambiente. No dia seguinte, eu estou em casa ressonando da madrugada que tinha passado n'*O Globo* na noite anterior, a telefonista do jornal, dona Natalina, liga pra minha casa: "Senhor Fuad, doutor Roberto quer falar com o senhor" "Pois não". Aí ele chegou no telefone: "Quem deu essa manchete d'*O Globo* hoje?" (Ah: detalhe, nesse dia, todos os jornais destacaram o aspecto econômico do desenvolvimento da Amazônia, só o Globo veio com essa linha de meio ambiente). Eu logo saquei que ele queria ferrar o irmão, porque o irmão é que ficou no lugar dele. "Essa manchete foi definida por mim e o doutor Rogério, nós levamos em conta a tradição que *O Globo* tem nessa questão ambiental e acho que pegava muito bem a gente destacar esse aspecto do projeto do governo. Ele não se convenceu e falou assim: "Fala pro Rogério que quem manda nesse jornal sou eu". Enfiei o rabo entre as pernas e fiquei na minha, não falei nada pro doutor Rogério, evidentemente. Quando foi na noite do dia seguinte, antes de me chamar para definir, no correr do dia, ele telefona pra mim e diz assim: "Vocês estavam certos. *O Globo* fez bem de dar essa manchete de hoje". Eu falei: "Ótimo". Foi muito engraçado esse episódio. Ele era uma figura de personalidade forte e seguia a linha dele, a linha de direita. Sempre defendeu o empreendimento dele, soube defender de maneira muito competente. Atribui-se a ele uma frase que diz o seguinte: "um jornal começa a morrer dez anos antes". E é verdade. O caso do *Correio da Manhã* é típico, ele começou a morrer em 64 e acabou em 74. Em 68 foi o auge do problema, para acabar cinco, seis anos depois, que dizer, dez anos.

### **Qual é a sua opinião sobre o jornalismo brasileiro hoje?**

Eu vejo o jornalismo brasileiro hoje muito preocupado com o jornal show. Talvez influenciado pela televisão, por aquele jornal *US Today* que apareceu, houve um deslumbramento por esse tipo de jornalismo e caímos num problema muito

perigoso que é o investigativismo. Isso se chamava jornalismo investigativo, que não é bem investigativo. Eles recebem uma dica de alguma fonte oficial de governo e aí se limitam a batalhar em cima daquilo que foi passado pra eles. É muito raro buscarem os bastidores da coisa. Um exemplo muito bom do contrário disso é o Chico Otávio, por exemplo, que tem essa preocupação de não só relatar o fato que foi levado a ele, mas procurar as razões do fato, os bastidores, quer dizer, como aquilo aconteceu, porque aconteceu, o que aconteceu. Então, eu vejo o jornalismo hoje um pouco assim. É claro que, eu creio que não cabe comparação com o jornal do passado. Cada época tem o seu momento, o seu estilo. Claro que hoje tem muitas qualidades - eu não vou negar -, muitos avanços. Hoje tem textos muito bons, inclusive tem uma área de reportagens que ainda consegue ser eficiente - esses chamados Segundo Caderno, Caderno de Cultura -, mas é muita futilidade também. No caso do jornalismo de um modo geral, eu creio que falta o debate dos grandes problemas nacionais. Vamos pegar um caso típico do Rio de Janeiro, o problema do aeroporto Internacional do Galeão: é um aeroporto vital para o Rio de Janeiro, para o turismo, o Rio é a cidade que mais recebe turistas no país e está sendo, pouco a pouco, sucateada, porque está indo tudo pra São Paulo. Aqui, vai perdendo o enfoque, os seus valores, por desleixo. Então, você não vê, por exemplo, a imprensa carioca se debruçar no problema com o aeroporto, no sentido de esmiuçar, trazer à tona o que está acontecendo... Está acontecendo uma barbaridade, o governo simplesmente abandona. Tem projeto milionário que não sai do lugar, e o aeroporto cada vez pior. E você não vê a imprensa trazer isso. É um exemplo pequeno, mas coisas desse tipo, a imprensa, atualmente, não aprofunda. E como essa, várias coisas na área social, a imprensa hoje só se limita, se contenta em divulgar os feitos do governo. Não tem a preocupação de [investigar] até que ponto esses feitos são verdadeiros, até que ponto representam o que estão alardeando. Acho que isso falta um pouco. O noticiário da TV Globo, por exemplo, é um noticiário pasteurizado, até o tom do editorial, do texto, é rebuscado, fantasiado, floreado... Assim, naquela preocupação de tornar o texto mais ameno, mais aparatado, interessante de ser lido, ouvido. A notícia não é aquela notícia do impacto que a gente tinha antigamente; é uma notícia recheada, rebordada, é um outro tipo de nariz de cera. Eu vejo um pouco nessa linha.

**E qual é a sua opinião sobre um projeto como este, em que tentamos recuperar a memória do jornalismo brasileiro?**

Fundamental, importantíssimo, porque a imprensa carioca, a imprensa brasileira de um modo geral, não tem esse acervo preservado, nem se teve a preocupação de guardar isso. Por exemplo, vamos pegar o caso do *Correio da Manhã*. De repente,

daqui a pouco é um jornal que não vai existir mais. Isso porque, na Biblioteca Nacional, tem uma coleção incompleta das edições, a maior parte já está se esgarçando, as mais antigas estão esgarçando. Uma parte está digitalizada, por sinal, de leitura difícil, porque muita coisa está prejudicada. Então, não tem essa preocupação de fixar e guardar aqueles momentos da imprensa, os personagens que passaram por ela... A gente não tem isso muito aqui. Então, nesse aspecto, eu acho fundamental este projeto, porque um dia alguém vai ter que escrever a história da imprensa, a história de um jornal, a história de figuras do jornal. Então, este projeto é um repositório, é uma fonte viva - digamos assim - para que essas intenções sejam atingidas e que realmente permaneça viva a história da imprensa brasileira.